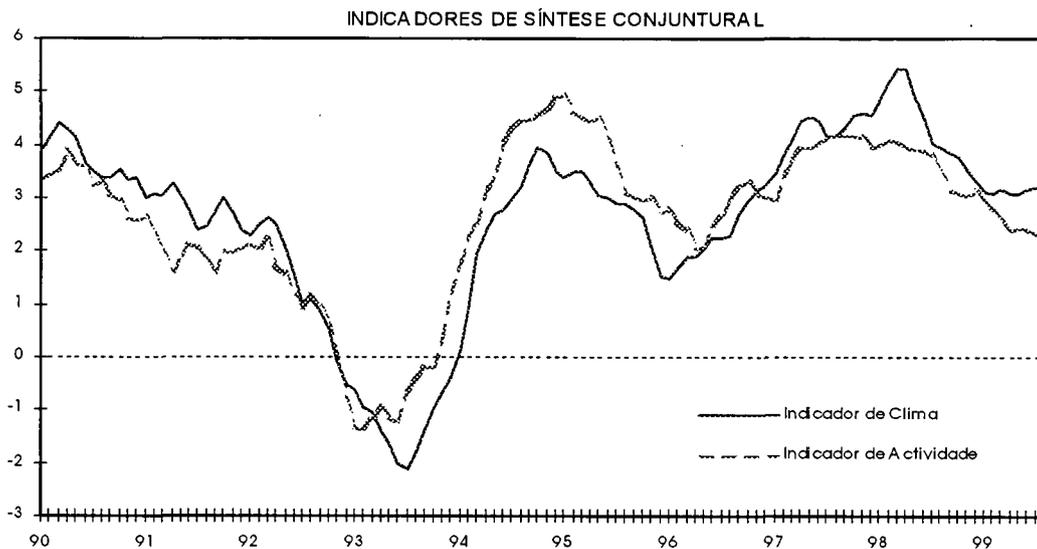




INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

Agosto de 1999



A recuperação da procura mundial foi insuficiente para assegurar uma melhoria significativa da economia da UE ao longo do segundo trimestre. Embora a produção industrial e as exportações tivessem registado uma evolução trimestral positiva durante este período, o seu nível permaneceu ainda inferior ao do período homólogo, tendo o crescimento homólogo do PIB permanecido estável em torno de 1,6 por cento. Deste modo, a procura interna continuou a fornecer a principal contribuição para o crescimento produtivo. O mesmo sucedeu nos Estados Unidos, onde o crescimento homólogo do PIB se manteve forte e estável. No entanto, as economias asiáticas, incluindo o Japão, têm vindo a recuperar ao longo do corrente ano e os industriais europeus prevêem uma tendência positiva por parte da produção e das exportações ao longo do terceiro trimestre. Dado que tanto a confiança dos consumidores como o desemprego continuaram a fornecer indicações favoráveis até ao final de Julho, prevê-se um crescimento mais forte da União Europeia ao longo da segunda metade do ano em curso. Apesar do aumento do preço do petróleo estar a impulsionar uma ligeira subida da inflação, prevê-se que as taxas de juro mantenham um nível bastante baixo e que não venham a constituir-se num obstáculo para esta recuperação económica.

O ritmo de crescimento da economia portuguesa manteve-se também relativamente estável até ao final de Agosto. Este ritmo foi, no entanto, mais forte do que o apurado na UE, tendo o indicador de actividade económica apresentado um crescimento homólogo de 2,3 por cento durante o trimestre terminado em Julho, enquanto o indicador de clima crescia 3,1 por cento ao longo do trimestre terminado em Agosto. A indústria transformadora manteve uma evolução homóloga negativa durante o segundo trimestre mas o clima empresarial melhorou durante o trimestre terminado em Julho, prevendo-se um andamento positivo da actividade sectorial durante o conjunto do segundo semestre. As exportações deverão impulsionar esta recuperação. Desde o final de Março que o seu nível tem vindo a subir e os empresários prevêem que continuarão a melhorar até ao final do terceiro trimestre.

A procura interna, quer de bens de investimento quer de bens de consumo, evoluiu intensamente até ao final de Agosto, fornecendo a principal contribuição para o crescimento económico. Embora a procura de bens de consumo duradouros (excluindo automóveis) e de habitações apresente uma certa desaceleração, tanto as vendas de bens de consumo corrente, como de automóveis, máquinas, equipamentos e veículos comerciais se mantiveram muito fortes. O dinamismo do investimento empresarial é bem evidenciado pelo crescimento de cerca de 20 por cento do crédito com este fim ao longo do primeiro semestre.

O crescimento do investimento tem impulsionado a criação de empregos, sobretudo por conta de outrem, e a descida do desemprego, cuja taxa caiu para 4,5 por cento durante o segundo trimestre. O número de desempregados inscritos continuou a diminuir até ao final de Agosto, enquanto os salários contratados cresciam mais que os preços, o que explica a estabilização da confiança dos consumidores a um nível bastante positivo. A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor desceu para 1,9 por cento em Agosto, sendo esta tendência descendente observada na generalidade dos tipos de bens.

Catálogo recomendada

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL. Lisboa, 1997-
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de
Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E.,
1997- . - 30 cm
Mensal
ISSN 0873-9374

Director

Presidente do Conselho de Administração
C. Corrêa Gago

Editor

Instituto Nacional de Estatística
Av. António José de Almeida
1000 LISBOA
Telefone: (01) 847 00 50
Fax: (01) 847 85 78

Composição

INE - Gabinete de Estudos
Área Económica

Impressão

INE - Secção de Artes Gráficas

Tiragem: 550 exemplares

Depósito legal n.º 117748/97

Preço: 480\$00 (IVA incluído)
2.39 €

Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:

Gabinete de Estudos - Área Económica

Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821

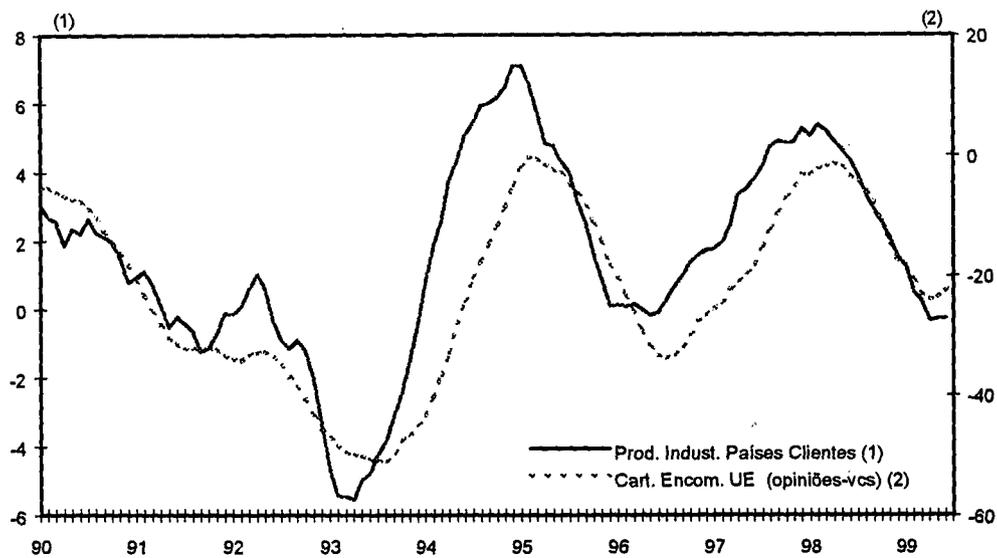
O INE na Internet
<http://www.ine.pt>

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

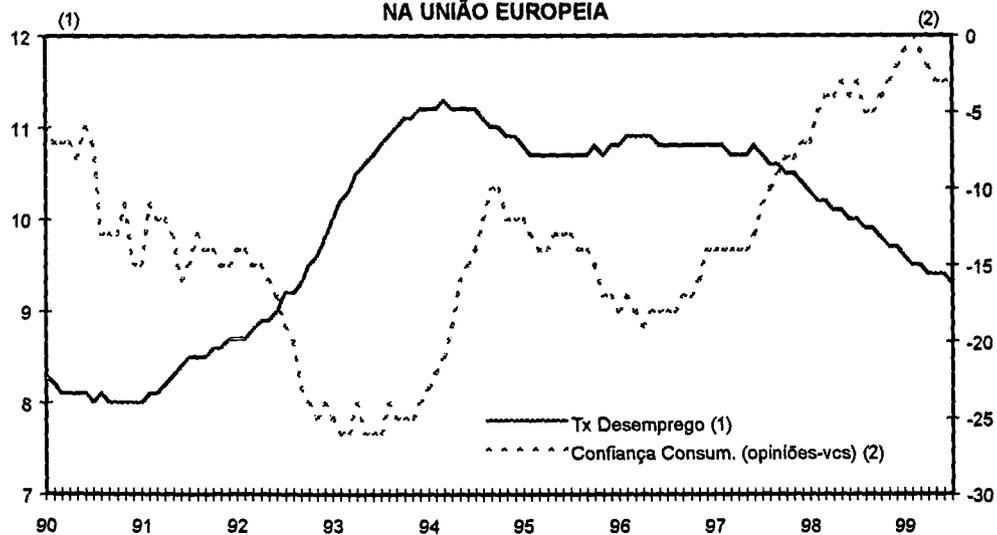
AGOSTO DE 1999

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Jun.99	Jul.99	Ago.99
ENQUADRAMENTO EXTERNO								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	2.8	2.7	2.3	2.0	2.0	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	4.3	2.9	1.5	0.2	-0.3	-0.3	-	-
Cart.Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-3	-8	-18	-23	-23	-23	-20	-
Indic.Confiança dos Consumid.na UE (opiniões-vcs)	-4	-4	-3	-1	-3	-3	-3	-
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	10.1	9.9	9.7	9.5	9.4	9.4	9.3	-
Preços no Consum.na UE (índ.mensal harmonizado)	1.5	1.3	1.0	1.0	1.1	1.0	1.1	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	0.0	-0.9	-1.9	-2.0	-1.2	-1.2	-0.9	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	-21.6	-21.1	-18.3	-16.9	-12.6	-12.6	-10.3	-8.3

CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



ENQUADRAMENTO EXTERNO

O crescimento homólogo das economias dos principais países clientes de Portugal estabilizou durante o segundo trimestre. Esta tendência foi observada tanto nos Estados Unidos como na UE e apenas na Ásia se verificou uma importante reanimação do ritmo de crescimento.

De acordo com a informação disponível, o crescimento homólogo do PIB dos principais países clientes de Portugal terá estabilizado em torno de 2 por cento no decorrer do segundo trimestre. O crescimento homólogo dos Estados Unidos situou-se em 3,9 por cento, enquanto o da UE se terá mantido próximo de 1,6 por cento. Por sua vez, o PIB do Japão cresceu 1,1 por cento, reforçando a tendência de recuperação do trimestre anterior. A generalidade dos países asiáticos afectados pela crise financeira tem evidenciado uma reanimação bastante mais forte do que a do Japão.

A procura interna continuou durante o segundo trimestre a fornecer a principal contribuição para o crescimento quer nos Estados Unidos quer na UE. A contribuição da procura externa para o crescimento homólogo foi ainda negativa durante este período, mas é esperada uma alteração desta situação durante o terceiro trimestre.

De facto, a conjuntura industrial na UE e nos Estados Unidos está a beneficiar da melhoria da procura mundial. As encomendas de origem externa dirigidas à indústria têm vindo a subir e os empresários revelam-se mais optimistas em relação ao futuro. O nível da produção industrial melhorou durante os últimos meses tanto nos EUA como na UE, embora neste último caso a recuperação até ao final do segundo trimestre tenha sido insuficiente para repôr o nível atingido um ano antes. O índice de produção industrial da UE conheceu uma diminuição homóloga de 0,3 por cento durante o segundo trimestre, tendo a taxa de utilização da capacidade produtiva na indústria transformadora caído 2,3 pontos percentuais relativamente ao período homólogo.

A produção industrial da UE deverá continuar a melhorar durante os próximos, o mesmo sucedendo com as vendas ao exterior. As exportações da

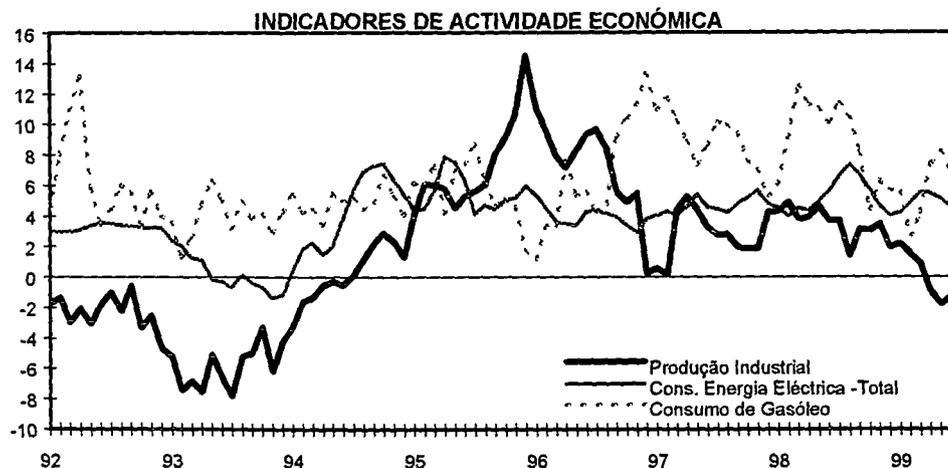
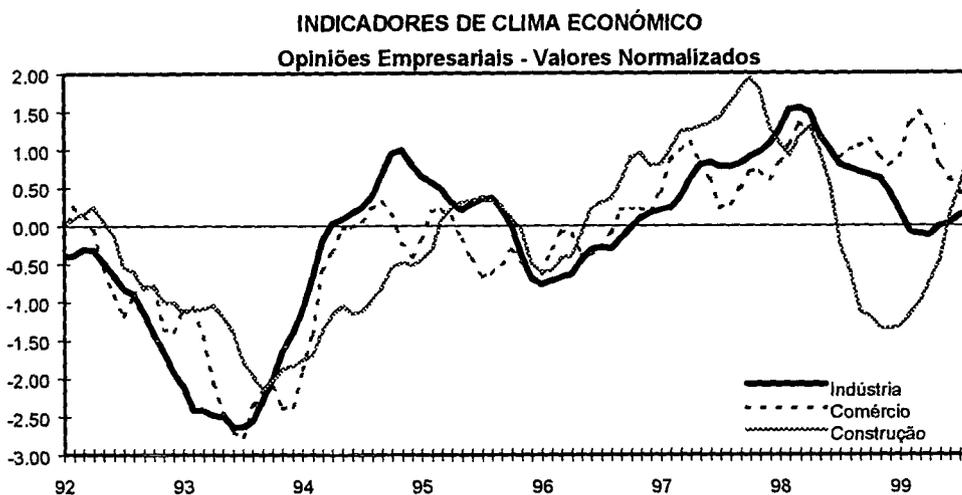
generalidade dos países comunitários registaram já um crescimento trimestral durante o segundo trimestre, que, no entanto, foi ainda insuficiente para compensar as perdas de trimestres anteriores. As exportações deverão recuperar mais significativamente durante o terceiro trimestre, sendo esta a perspectiva dos industriais.

Por sua vez, o consumo privado dos Estados Unidos, registou durante o segundo trimestre, uma variação homóloga de 5,1 por cento, enquanto a formação bruta de capital fixo subia 8,5 por cento. A procura interna deste país manteve-se muito forte nos meses mais recentes, tendo o valor das vendas do comércio a retalho registado uma subida homóloga de 9,1 por cento durante o trimestre terminado em Agosto. O nível elevado de confiança dos consumidores foi acompanhado por uma descida da taxa de desemprego para apenas 4,2 por cento em Agosto.

A despesa em bens de consumo por parte das famílias da UE manteve uma evolução positiva até ao final de Julho, tendo o indicador de confiança dos consumidores da UE apresentado um nível relativamente estável entre Maio a Julho. Por outro lado, a taxa de desemprego da UE desceu para 9,3 por cento em Julho, depois de ter estabilizado em 9,4 por cento entre os meses de Abril a Junho.

A inflação subiu ligeiramente em Agosto, tanto nos EUA como na UE. Assim, a variação homóloga do índice de preços no consumidor nos EUA foi de 2,3 por cento em Agosto, enquanto a mesma medida do índice harmonizado da UE se situou em 1,1 por cento em Julho e deverá ter subido para 1,2 por cento em Agosto. O forte aumento do preço do petróleo e a reanimação da procura de produtos industriais estão a fazer subir os preços de venda à saída da fábrica, pressionando uma evolução um pouco mais intensa da inflação.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Jun.99	Jul.99	Ago.99
INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA								
Indicador de Clima Económico	4.5	3.8	3.3	3.1	3.1	3.1	3.2	3.1
Indicador da Actividade Económica	3.9	3.1	3.1	2.6	2.4	2.4	2.3	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	3.5	3.3	1.9	0.8	-1.3	-1.3	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	6.9	5.4	1.8	-1.3	-1.4	-1.4	-	-
Proc. Interna Bens Intermédios (opiniões-ve-mm3m)	-6	-11	-15	-18	-15	-15	-16	-15
Volume de Negócios no C. Retalho (índice)	13.1	9.5	10.7	7.5	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	1.00	0.71	0.44	-0.11	0.04	0.04	0.14	0.18
Indicador de Clima na Construção (opiniões-v.norm.)	0.55	-1.13	-1.35	-1.00	0.15	0.15	0.51	0.96
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	1.00	1.05	0.79	1.48	0.61	0.61	0.44	0.23
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	59.9	61.3	55.3	58.4	60.0	60.0	60.3	-
CONSUMOS ENERGÉTICOS								
Energia Eléctrica - Total	5.6	6.7	4.0	5.6	4.6	4.6	4.8	-
Consumo de Gasóleo	10.1	8.1	5.7	4.2	7.0	7.0	-	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	1.6	4.6	-2.7	-4.6	7.2	7.2	-	-



ACTIVIDADE ECONÓMICA

A economia reanimou durante os últimos meses, embora esta tendência não seja visível nas comparações homólogas, devido ao forte crescimento da actividade produtiva ao longo do primeiro semestre do ano passado. Esta tendência de reanimação será já mais perceptível nas comparações homólogas do conjunto do segundo semestre.

O indicador de clima económico manteve uma tendência estável até ao final de Agosto, tendo o seu ritmo de crescimento permanecido em 3,1 por cento, à semelhança do verificado no conjunto do primeiro semestre do corrente ano. No entanto, o indicador de actividade económica continuou a desacelerar, tendo o seu crescimento homólogo descido para 2,3 por cento durante o trimestre terminado em Julho. Esta desaceleração é essencialmente explicada pelo forte crescimento da actividade na generalidade dos sectores durante a primeira metade do ano passado. De facto, constata-se uma melhoria significativa desde o início do corrente ano da actividade em alguns sectores, com destaque para a hotelaria e para a construção. Mas também os industriais se revelaram mais optimistas com o andamento da sua actividade durante o trimestre terminado em Agosto.

A indústria transformadora foi um dos sectores onde a desaceleração produtiva foi mais significativa durante a primeira metade de 1999, tendo os respectivos índices de volume de negócios e de produção sofrido uma queda homóloga de cerca de 1,3 por cento durante o segundo trimestre. Os industriais também avaliaram muito negativamente o andamento produtivo durante o conjunto do primeiro semestre e o inquérito ao emprego revelou uma descida significativa do emprego sectorial durante o mesmo período. O conjunto dos exportadores deverá, no entanto, ter conhecido uma recuperação produtiva desde o início do ano, dada a melhoria contínua do valor, corrigido da sazonalidade, das suas exportações entre Janeiro e Maio.

Inversamente, o conjunto dos serviços manteve um forte ritmo de crescimento, como transparece da evolução intensa do seu volume de emprego. Esta conclusão é igualmente sustentada pelas avaliações dos empresários do comércio acerca do andamento da

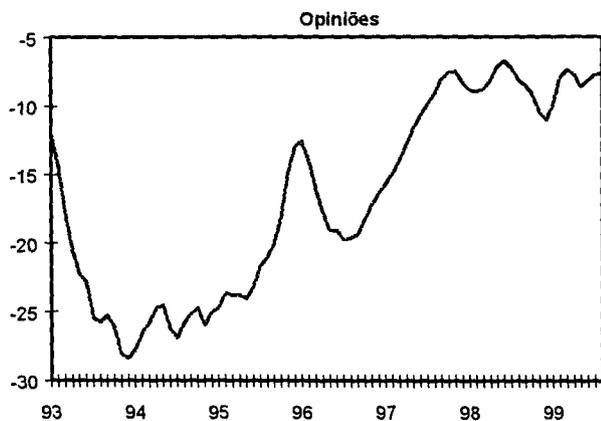
sua actividade. No caso do comércio a retalho, o dinamismo da actividade transparece na evolução muito positiva do seu índice de volume de negócios até ao final de Maio. Este comportamento dos negócios do comércio a retalho manteve-se até ao final de Julho, pelo menos nas grandes superfícies, segundo revela o valor das respectivas vendas divulgado pela respectiva associação empresarial. Mesmo na hotelaria, que conheceu um grande dinamismo durante os três primeiros trimestres de 1998, se constata uma recuperação significativa ao longo do corrente ano, após uma quebra no último trimestre de 1998, de tal modo que as suas taxas de ocupação durante o segundo trimestre foram idênticas às verificadas no período homólogo do ano passado. O nível destas taxas manteve-se relativamente estável entre Julho e Agosto.

Por sua vez, a actividade no sector da construção melhorou durante os últimos meses, sobretudo nas obras públicas, uma vez que a construção de habitações tem mantido um ritmo de crescimento muito forte e sustentado durante os últimos anos. A melhoria da actividade no conjunto do sector da construção é sugerida pelas apreciações empresariais mas também pela evolução do consumo de cimento.

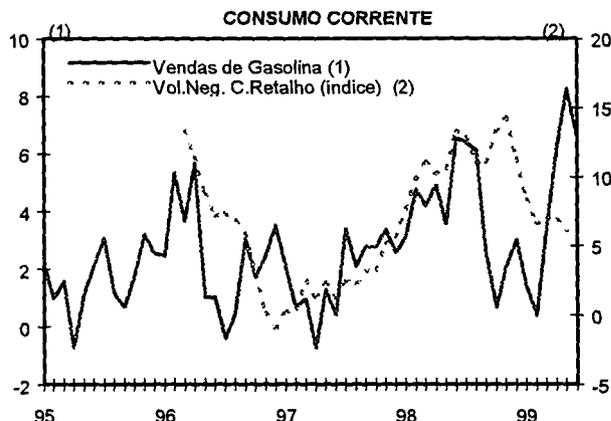
O comportamento do consumo de energia confirma a evolução favorável do conjunto da economia, como se conclui das importantes subidas dos consumos de energia eléctrica e de gasóleo.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Jun.99	Jul.99	Ago.99
CONSUMO PÚBLICO	7.9	5.7	9.2	9.3	7.3	7.3	5.2	-
Despesas com Pessoal	8.3	7.3	9.7	9.5	5.6	5.6	5.5	-
Despesas com Bens e Serviços	3.8	-6.5	7.1	7.4	27.4	27.4	1.9	-
SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS								
Inquérito aos Consumidores (Opiniões-ve-mm3m)	-6	-5	-6	-4	-6	-6	-6	-4
CONSUMO PRIVADO								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-7	-8	-11	-7	-8	-8	-8	-8
Crédito ao Consumo (tvh-Euros)	18.0	18.9	23.0	18.3	31.7	X	X	X
Operações da Rede Multibanco	22.5	22.4	21.9	19.5	18.5	18.5	19.0	-
Proc.Interna B.Consumo Indust.(opiniões-ve-mm3m)	-9	-9	-9	-10	-17	-17	-18	-15
CONSUMO CORRENTE								
Vendas no Com.Retalho B.Cons.Corr. (opiniões)	2	6	6	12	0	0	3	7
Vol.Negócios no C.Retalho B.Cons.Corr.(índice)	13.4	11.0	11.3	6.9	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	13.3	9.8	7.8	8.5	6.0	6.0	8.0	-
Vendas de Gasolina	6.5	2.6	3.0	3.4	6.6	6.6	-	-
Dormidas na Hotelaria	9.5	8.9	5.9	8.1	-	-	-	-
CONSUMO DE BENS DURADOUROS								
Vendas no Com.Retalho B.Durad. (opiniões)	4	-16	-20	17	19	19	8	-9
Vol.Negócios no C.Retalho B.Dur.(índice s/Autom.)	14.6	7.4	10.1	6.7	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veic. Todo-o-Terreno	21.3	23.3	22.5	35.1	16.2	16.2	15.3	16.1
Matrículas de Automóv. e Veic. Todo-o-Terreno	11.0	11.7	24.5	23.3	16.1	16.1	12.8	19.2
Vol. de Negócios da Indúst. Mobiliário (índice)	8.7	1.9	-8.2	4.1	-1.1	-1.1	-	-

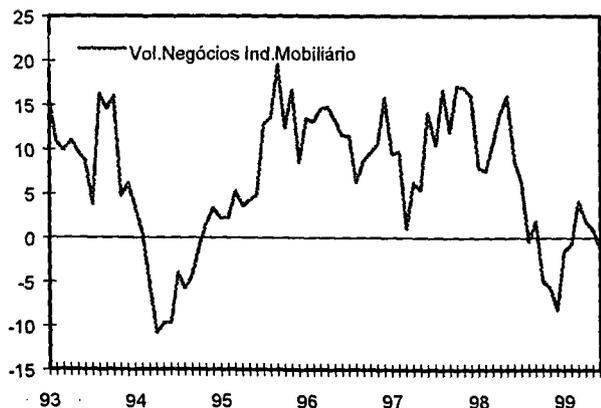
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



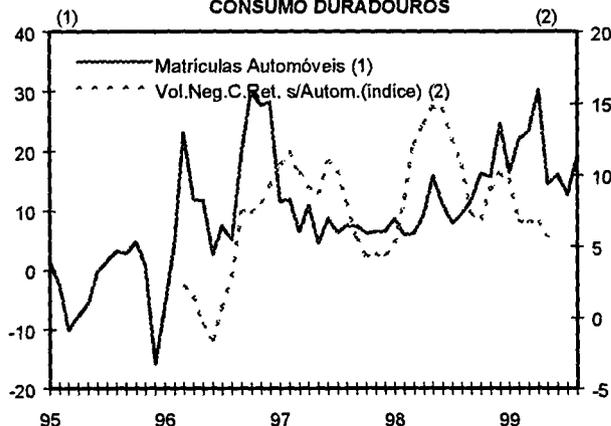
PROCURA INTERNA DE BENS DE



PROCURA INTERNA DE BENS
CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS
CONSUMO DURADOUROS



CONSUMO FINAL

O indicador de confiança dos consumidores estabilizou durante o trimestre terminado em Agosto, enquanto as apreciações das famílias acerca da sua situação financeira permaneciam bastante favoráveis. A procura interna de bens de consumo manteve-se positiva, embora alguns indicadores da procura de bens de consumo duradouro tenham conhecido um menor dinamismo .

O indicador de confiança dos consumidores continuou a apresentar um nível bastante favorável até ao final de Agosto, sugerindo a manutenção de uma tendência muito positiva por parte da procura interna de bens de consumo.

Com base nas opiniões dos consumidores inquiridos pelo INE, conclui-se que a situação financeira das famílias evoluiu de forma muito favorável até ao final de Agosto, beneficiando do aumento do emprego, da subida do poder de compra dos salários e da solidez do crescimento económico. No entanto, o dinamismo da despesa das famílias continua associado a um forte recurso ao crédito, que está a financiar uma parcela significativa do consumo e do investimento em habitação. Assim, o crédito a particulares para outros fins, que não a aquisição de habitação, voltou a crescer a um ritmo muito intenso, tendo registado uma variação homóloga de 31,7 por cento no final de Junho.

O ritmo de crescimento da procura de bens de consumo corrente manteve-se forte e estável até ao final de Agosto, segundo se depreende das opiniões dos empresários do comércio a retalho de bens alimentares, vestuário e calçado sobre o andamento do seu volume de vendas. O índice de volume de negócios no comércio a retalho deste tipo de bens já tinha registado uma subida homóloga de 6,1 por cento ao longo do trimestre terminado em Maio e as vendas dos supermercados e hipermercados cresceram 8 por cento durante o trimestre terminado em Julho. Por sua vez, as vendas de gasolina apresentaram também um andamento muito favorável, aumentando, em termos homólogos, 6,6 por cento durante o segundo trimestre.

Por outro lado, as dormidas na hotelaria conheceram uma variação homóloga de 3,9 por cento durante o trimestre terminado em Maio, tendência que

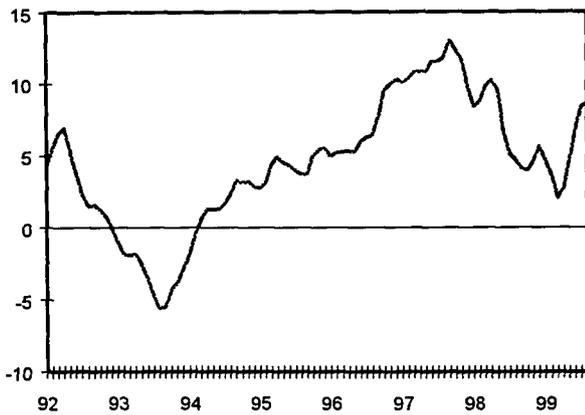
se deverá ter mantido, ou reforçado, até ao final de Julho, dada a evolução favorável das taxas de ocupação hoteleira.

O ritmo de crescimento da procura de bens duradouros continuou a conhecer um certo abrandamento. Assim, o índice de volume de negócios no comércio a retalho de bens de consumo duradouro (excluindo automóveis) apresentou uma variação homóloga de 5,8 por cento durante o trimestre terminado em Maio, desacelerando face ao crescimento registado no primeiro trimestre. Por outro lado, o saldo das opiniões dos empresários do comércio a retalho deste tipo de bens acerca da evolução do seu volume de vendas recuou entre Junho e Agosto.

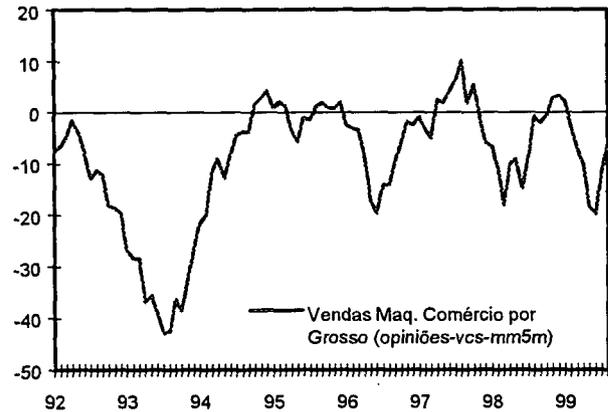
Por sua vez, as vendas de automóveis e de veículos todo-o-terreno novos registaram um crescimento homólogo de 16,1 por cento ao longo do trimestre terminado em Agosto, ritmo semelhante ao ocorrido no segundo trimestre. O número de licenças emitidas para este tipo de veículos, novos e usados importados, conheceu uma evolução um pouco mais favorável, aumentando 19,2 por cento durante o mesmo período.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Jun.99	Jul.99	Ago.99
INVESTIMENTO								
Indicador Coincidente de FBCF	6.6	4.1	5.6	2.1	6.7	6.7	8.4	8.6
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh-Euros)	25.8	12.3	19.0	20.7	20.1	X	X	X
CONSTRUÇÃO								
Vendas de Cimento	-0.2	0.2	9.9	-0.6	4.8	4.8	2.8	5.9
Vendas de Varão para Betão	-14.6	-5.3	18.5	17.8	14.8	14.8	4.1	-
Prod. Indust. de Barro p/Construção (Índice-tvh)	-0.7	3.0	13.3	13.5	13.2	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-16	-28	-35	-34	-31	-30	-27	-32
Adjudic. Obras Públicas (valor-tv ano termin.em)	-0.1	-6.1	-49.7	-42.6	-32.0	-32.0	-41.6	-39.9
Crédito para Compra de Habitação (valor-tvh)	53.7	59.3	40.0	64.9	-	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	8.5	9.8	16.2	13.4	10.6	10.6	-	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	-10	10	-1	-14	-16	-16	-2	6
MATERIAL DE TRANSPORTE								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	2.4	6.9	21.3	-0.7	12.0	12.0	13.8	14.6
Matrículas de Veíc. Comerciais Pesados Novos	10.7	-6.8	19.3	7.8	34.1	34.1	30.7	32.2

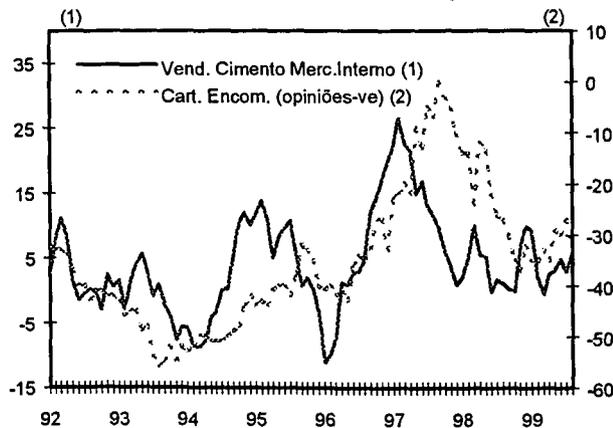
INDICADOR COINCIDENTE DO INVESTIMENTO



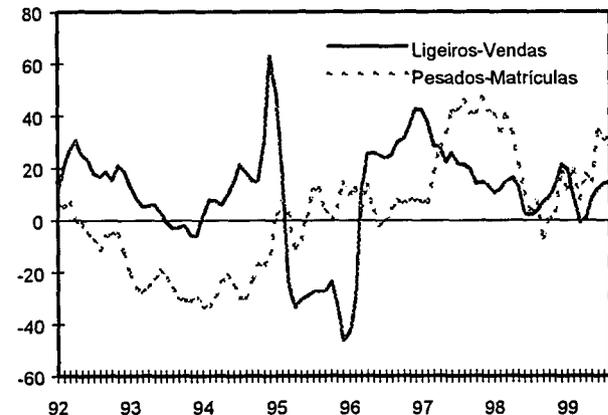
PROCURA DE MÁQUINAS



INVESTIMENTO EM CONSTRUÇÃO



PROCURA DE VEÍCULOS COMERCIAIS



INVESTIMENTO

O investimento voltou a acelerar ao longo do trimestre terminado em Agosto. O investimento em máquinas, equipamentos e veículos comerciais permaneceu bastante forte, enquanto recuperava o investimento em construção.

O indicador coincidente do investimento conheceu um crescimento homólogo de 8,6 por cento ao longo do trimestre terminado em Agosto, voltando a acelerar. O comportamento mais favorável do indicador global resultou da persistência de um forte crescimento do investimento em veículos comerciais, máquinas e equipamentos e da recuperação do investimento em construção.

De facto, as apreciações dos empresários do comércio do subsector grossista de máquinas e equipamentos acerca da evolução das suas vendas continuaram a sugerir um andamento muito favorável do investimento neste tipo de bens até ao final de Agosto. O valor das importações de máquinas registou um crescimento homólogo de 14,6 por cento durante os cinco primeiros meses do corrente ano, confirmando a evolução bastante positiva desta componente do investimento. Também o investimento empresarial conheceu uma evolução forte e estável ao longo do segundo trimestre, tendo em conta o crescimento homólogo de 20,1 por cento do crédito ao investimento das empresas não financeiras no final de Junho.

Por sua vez, as vendas de veículos comerciais ligeiros apresentaram uma variação homóloga de 14,6 por cento ao longo do trimestre terminado em Agosto, mantendo uma tendência de aceleração, enquanto as matrículas de veículos comerciais pesados novos cresciam 32,2 por cento no período em análise.

A evolução das vendas de materiais de construção e as opiniões empresariais acerca da evolução da actividade e do emprego deixam transparecer um comportamento um pouco mais favorável do investimento global em construção. Assim, as vendas de cimento apresentaram um crescimento homólogo de 5,9 por cento durante o trimestre terminado em Agosto, contra uma variação homóloga de 4,8 por cento registada no segundo trimestre. Por outro lado, o índice

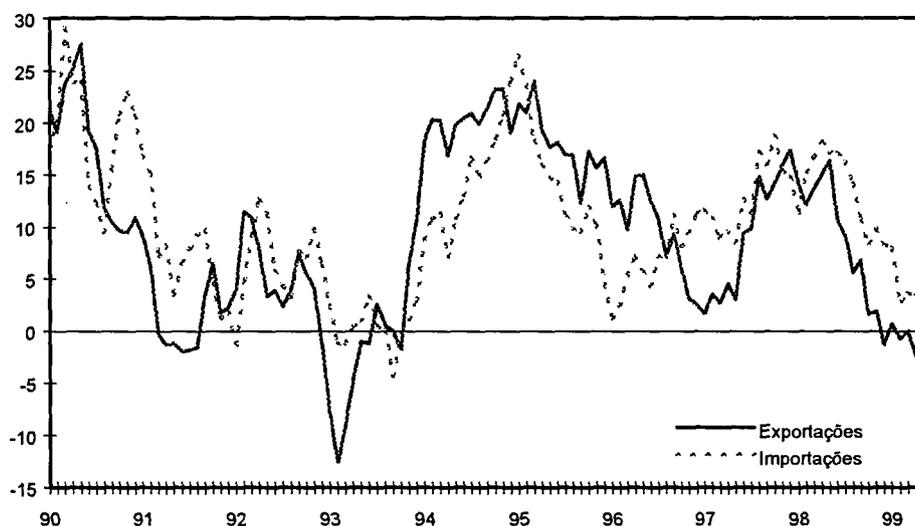
de produção industrial de barro para construção aumentou 13,2 por cento ao longo do segundo trimestre.

Foi sobretudo no sector das obras públicas que a confiança empresarial mais recuperou durante os últimos meses, apesar do valor das adjudicações de obras públicas ter registado uma quebra homóloga de 8,8 por cento entre Janeiro e Agosto.

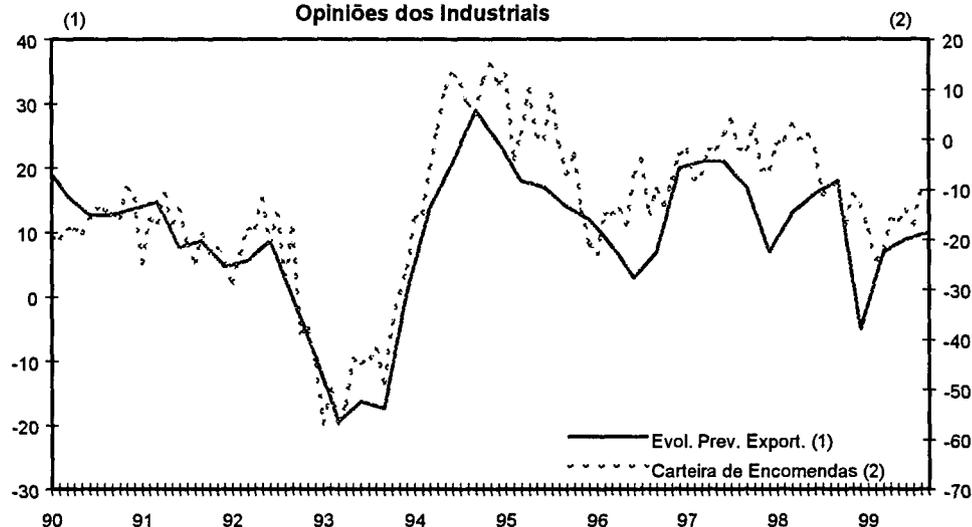
O andamento muito positivo da procura de habitações tem sido o principal responsável pelo dinamismo da actividade no sector da construção. De facto, o valor em Euros do stock do crédito concedido para a compra de habitação registou uma subida homóloga de 36,9 por cento no final de Junho, depois de já ter conhecido um crescimento de 36,5 por cento em Março. No entanto, o ritmo de crescimento da procura de novas habitações deverá estar a abrandar, tendo em conta as apreciações dos empresários acerca da procura de fogos, cujo saldo retrocedeu um pouco durante os últimos meses. Mas os empresários prevêem que este ritmo irá manter-se muito forte durante os próximos tempos, o que explica que o número de licenças concedidas para a construção de habitações novas tivesse subido 10,6 por cento durante o segundo trimestre.

	Trimestres					Meses		
	III.98	IV.98	I.99	II.99	III.99	Jun.99	Jul.99	Ago.99
PROCURA EXTERNA								
Indicador de Procura Externa em valor (Euros)	5.5	1.2	-0.5	3.6	-	3.6	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	6.8	-1.3	0.0	-	-	-	-	-
Intra-União Europeia	9.2	2.0	4.1	-	-	-	-	-
Extra-União Europeia	-2.3	-14.3	-17.4	-5.0	-	-5.0	-3.5	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	9.4	1.1	-	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	-10	-14	-21	-15	-	-14	-17	-10
Evol. Prevista das Export. (opiniões-vcs-valor trim.)	18	-5	7	9	10	X	X	X
IMPORTAÇÕES								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	10.8	8.2	3.6	-	-	-	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	15.7	13.1	-	-	-	X	X	X
TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)	63.7	63.3	64.1	-	-	-	-	-

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL



PROCURA EXTERNA Opiniões dos Industriais



PROCURA EXTERNA

A reanimação das vendas ao exterior entre Março e Maio foi insuficiente para impedir uma descida homóloga do valor das exportações durante este período. No entanto, a carteira de encomendas externa das empresas continuou a recuperar até ao final de Agosto e os empresários prevêem uma evolução positiva do volume das suas exportações durante o terceiro trimestre.

A recuperação da procura mundial permitiu um crescimento trimestral positivo do valor, corrigido da sazonalidade, das exportações durante o trimestre terminado em Maio. Esta tendência de recuperação foi verificada tanto nas vendas para a UE como para os mercados extra-comunitários. Neste último caso, esta recuperação prosseguiu até ao final de Julho. Apesar deste comportamento recente, o nível das exportações durante o trimestre terminado em Maio foi ainda inferior em 3,8 por cento ao do período homólogo. No entanto, as apreciações dos industriais acerca do nível da sua carteira de encomendas externa melhorou significativamente até ao final de Agosto e as suas expectativas apontam para uma tendência positiva do volume das suas exportações ao longo do terceiro trimestre.

Entre Janeiro a Maio, o valor das exportações de mercadorias apresentou uma diminuição homóloga de 2,4 por cento. Por outro lado, o valor das importações registou uma subida homóloga de 2,9 por cento durante o mesmo período, pelo que o contributo da procura externa líquida para o crescimento homólogo da economia se manteve bastante negativo durante este período.

A evolução homóloga negativa das exportações foi verificada tanto no mercado da UE como no espaço extra-comunitário. No que diz respeito aos mercados comunitários, as exportações caíram em França, na Itália, na Dinamarca e no Reino Unido, embora evoluíssem muito positivamente na Alemanha e em Espanha.

As exportações para o espaço extra-comunitário conheceram uma diminuição homóloga de 10,7 por cento entre Janeiro e Julho. Esta evolução homóloga negativa tem vindo a atenuar-se, situando-se em

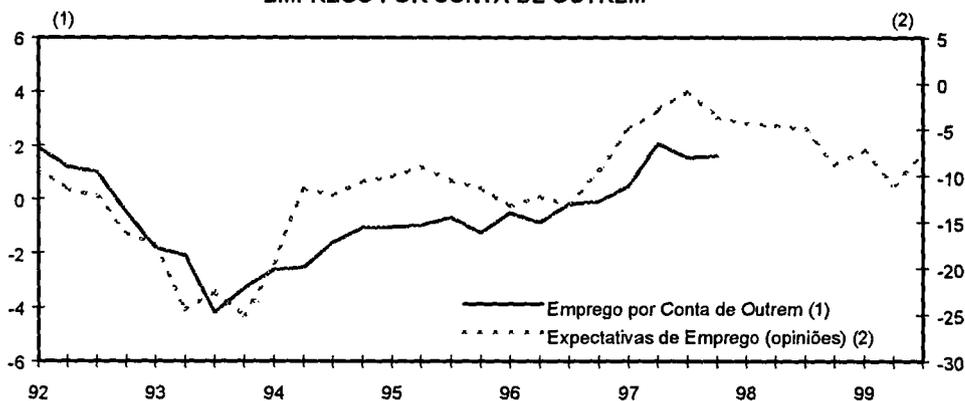
apenas 3,5 por cento durante o trimestre terminado em Julho. Entre Janeiro e Julho, as vendas para os Estados Unidos conheceram já uma subida homóloga de 2,6 por cento, após terem evoluído negativamente durante o primeiro trimestre. As exportações tiveram uma evolução homóloga negativa na maioria dos restantes mercados comunitários, com particular intensidade no Japão, no Brasil, nos PALOP e na OPEP.

Analisando a evolução homóloga das exportações por tipo de produtos para os mercados da UE, verifica-se que entre Janeiro e Maio, os produtos agrícolas, o papel, os químicos, as matérias têxteis e o vestuário apresentaram evoluções homólogas negativas, enquanto as máquinas e aparelhos registavam uma subida acentuada e o material de transporte e os metais aumentavam moderadamente.

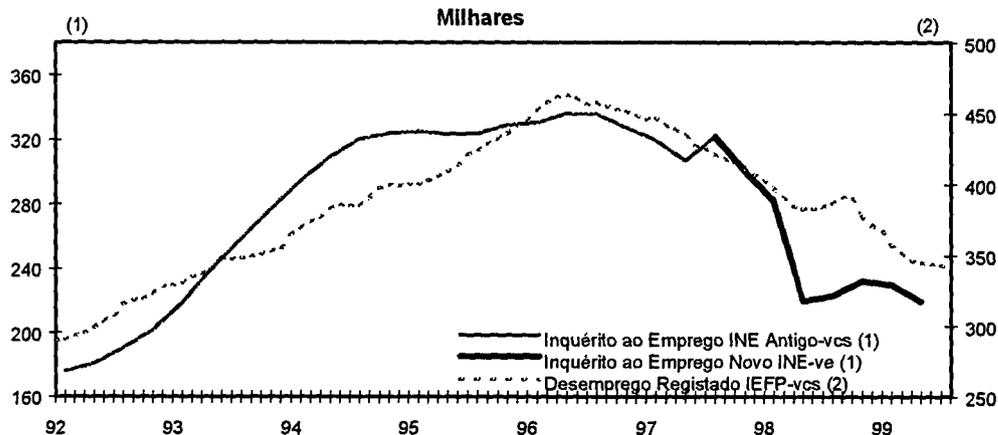
Do lado das importações, foi o material de transporte que mais cresceu, registando uma subida homóloga de 24 por cento entre Janeiro e Maio. Esta tendência tem sido impulsionada pela intensa procura interna de veículos, automóveis e comerciais, e deverá ter-se mantido até ao final de Agosto. As importações dos restantes bens de equipamento aumentaram 14,6 por cento, enquanto as de bens de consumo (excluindo automóveis) subiam 4,7 por cento. Inversamente, as importações de produtos intermédios desceram 8,5 por cento, o que está associado com a evolução negativa da produção da indústria transformadora durante o primeiro semestre. Por sua vez, as importações de combustíveis diminuíram 2,4 por cento durante o período referenciado, mas deverão ter aumentado significativamente durante os meses mais recentes, dada a forte subida do preço de petróleo.

	Trimestres					Meses		
	III.98	IV.98	I.99	II.99	III.99	Jun.99	Jul.99	Ago.99
EMPREGO E DESEMPREGO								
EMPREGO - INE (País)								
Emprego Total (tvh)	2.7	2.2	2.3	1.4	-	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-0.6	-3.1	-0.6	-2.2	-	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	6.3	10.5	8.4	4.5	-	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	4.4	5.1	4.4	4.5	-	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	3.4	3.5	4.1	3.2	-	X	X	X
EMPREGO - EXPECTATIVAS								
Indicador (Opiniões-ve)	-5	-9	-7	-11	-8	X	X	X
DESEMPREGO - INE (País - ve)								
Total (milhares)	232.4	239.6	237.9	226.5	-	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	4.7	4.8	4.7	4.5	-	X	X	X
DESEMPREGO - IEFP (País - vcs - milhares)								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	405.9	385.8	364.4	355.6	-	355.6	355.2	352.7
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	34.0	34.5	34.5	34.9	-	34.9	34.6	35.0
DESEMPREGO - EXPECTATIVAS								
Inquérito aos Consumidores(Opiniões-ve-mm3m)	19	24	19	13	-	13	12	12
SALÁRIOS - Total (mm3m)	3.3	3.1	3.2	3.6	-	3.6	3.4	3.6

EMPREGO POR CONTA DE OUTREM



DESEMPREGO CONTINENTE



EMPREGO E SALÁRIOS

O desemprego continuou a descer em Agosto, depois da taxa de desemprego ter caído para 4,5 por cento durante o segundo trimestre. O emprego por conta de outrem evoluiu muito positivamente durante o segundo trimestre e esta tendência terá prosseguido até ao final de Agosto, dado o dinamismo das ofertas de emprego.

O emprego total registou uma subida homóloga de 1,4 por cento durante o segundo trimestre. Esta subida foi menos intensa do que a apurada nos trimestres anteriores, o que não surpreende, dado que o período homólogo de 1998 foi caracterizado por um forte crescimento do emprego. O emprego por conta de outrem continuou a ser a componente com maior crescimento, tendo a sua variação homóloga sido de 3,2 por cento durante o segundo trimestre.

Os contratos não permanentes ganharam maior peso entre os trabalhadores por conta de outrem, tendo o número de trabalhadores nesta situação representado já durante o segundo trimestre cerca de 18,6 por cento do total, o que compra com um peso de 17,4 por cento um ano antes.

O crescimento sectorial do emprego reflecte o dinamismo diferenciado da respectiva actividade produtiva. Assim, o emprego dos serviços evidenciam até ao final do segundo trimestre não só um forte ritmo de crescimento mas também uma tendência relativamente estável. A sua evolução homóloga foi neste período de 4,5 por cento, o que constitui um andamento próximo do verificado, em média, nos trimestres anteriores. O mesmo crescimento foi apurado na construção durante o segundo trimestre, embora neste caso seja evidente a desaceleração face a períodos anteriores. Em contrapartida, o emprego registou quedas homólogas significativas tanto no sector primário como na indústria transformadora de, respectivamente 6,5 por cento e 2,2 por cento. É provável que o emprego no sector da construção esteja a reanimar durante a segunda metade do corrente ano, tendo em conta as expectativas dos empresários deste sector durante os meses mais recentes.

Graças a este dinamismo do emprego, a taxa de desemprego no total do País desceu para 4,5 por cento

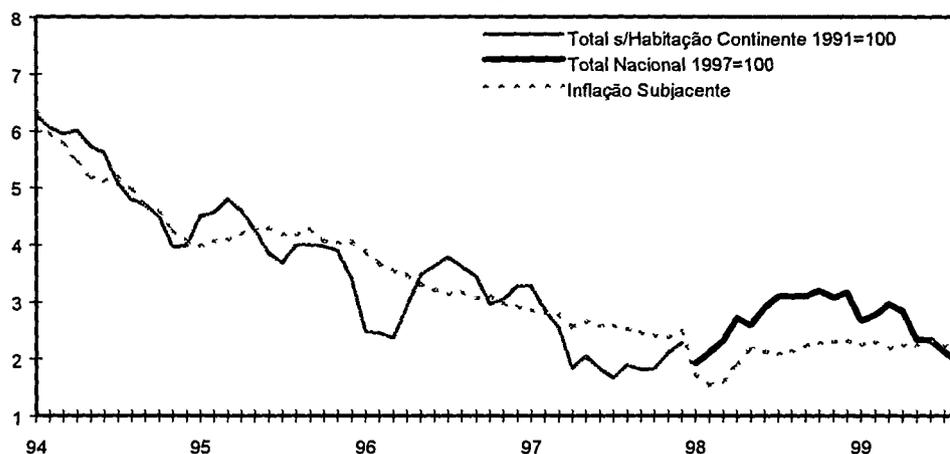
durante o segundo trimestre. Esta tendência descendente do desemprego deverá ter permanecido até ao final de Agosto. De facto, o número, corrigido da sazonalidade, de desempregados inscritos nos centros de emprego apresentava no final deste mês o nível mais baixo dos últimos anos. Este andamento do desemprego é coerente com a avaliação feita pelas famílias, que se mostraram bastante mais confiantes com o andamento desta variável durante os últimos meses.

O dinamismo do mercado de emprego transparece no crescimento homólogo de cerca de 17 por cento do número de novas ofertas de emprego durante o trimestre terminado em Agosto.

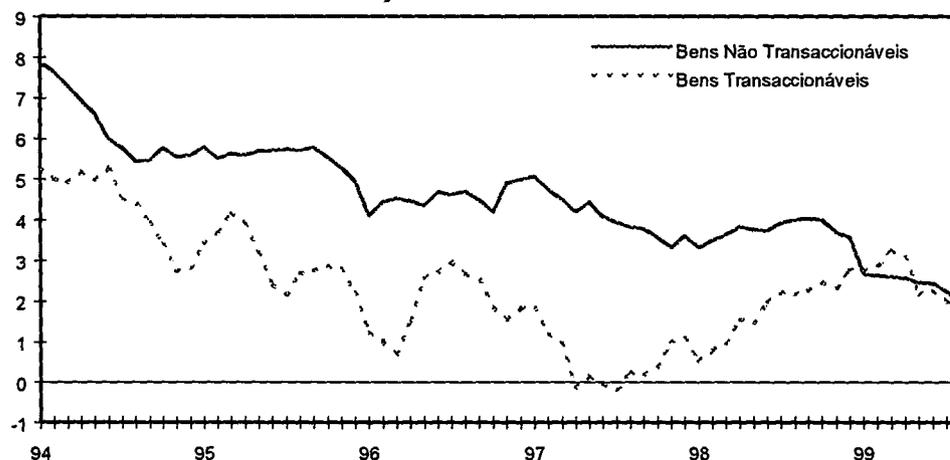
Por sua vez, os salários contratados apresentaram uma subida nominal anualizada de 3,6 por cento durante o trimestre terminado em Agosto. Tendo em conta que a inflação registou uma subida homóloga média de 2,1 por cento durante o mesmo período, estas subidas nominais permitiram um ganho real de cerca de 1,5 pontos percentuais por parte dos salários. As subidas conjuntas do emprego e dos salários reais justificam a avaliação bastante positiva que as famílias portuguesas fizeram até ao final de Agosto acerca da sua situação financeira.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Jun.99	Jul.99	Ago.99
PREÇOS NO CONSUMIDOR (valores mensais)								
Índice Nacional	2.7	3.1	3.1	2.8	2.5	2.3	2.1	1.9
Índice Harmonizado	2.3	2.4	2.7	2.7	2.3	2.1	1.9	1.8
Indicador de Inflação Subjacente	2.1	2.1	2.3	2.2	2.3	2.3	2.2	2.1
Índice Transaccionáveis	1.7	2.2	2.5	3.0	2.5	2.3	2.0	1.9
Não Alimentares	1.1	1.5	1.9	2.5	2.1	1.9	1.8	1.7
Índice Não Transaccionáveis	3.8	4.0	3.8	2.6	2.5	2.4	2.2	2.0
Índice Bens	1.8	2.3	2.4	2.3	1.9	1.7	1.4	1.3
Índice Serviços	4.8	4.9	4.7	3.9	3.8	3.8	3.7	3.4
PREÇOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA								
Preços de Produção (índice)	-2.7	-5.6	-7.8	-6.3	0.5	0.5	-	-
Preços de Produção (índice excl. Alim.e Energ.)	2.0	1.1	0.2	-0.3	-0.1	-0.1	-	-
Expectativas de Preços (opiniões)	5	4	-1	-1	7	7	7	7
EVOLUÇÃO CAMBIAL								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	-2.2	0.3	0.9	-	-	-	-	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-2.9	-1.3	-0.1	0.9	0.9	0.9	0.8	0.7
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	-6.1	1.4	5.1	4.2	-3.2	-5.1	-5.0	-3.2

TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL



INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS



PREÇOS E CÂMBIOS

A inflação desceu entre Junho e Agosto, devido a uma evolução mais moderada da generalidade das suas componentes. O diferencial de inflação com a UE reduziu-se. O principal obstáculo à descida da inflação vem dos preços dos produtos industriais que têm apresentado uma tendência ascendente durante os últimos meses.

A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor nacional desceu para 1,9 por cento em Agosto. A mesma medida do índice harmonizado baixou para 1,8 por cento. Tendo em conta a informação disponível, é provável que o diferencial de inflação, avaliado pelos índices nacionais, entre Portugal e a União Europeia tenha caído para 0,7 pontos percentuais, após este diferencial ter atingido 1,9 pontos percentuais em Dezembro de 1998.

A percentagem de variação média anual do índice nacional desceu para 2,7 por cento, e esta medida da inflação deverá continuar a diminuir durante os próximos meses. Se até ao final do ano os preços registassem a mesma evolução do período homólogo do ano passado, a inflação média anual seria em Dezembro de 2,3 por cento.

Para a redução da inflação contribuiu não só o comportamento mais moderado dos preços dos bens alimentares, como igualmente idêntica tendência dos preços dos bens não alimentares e dos serviços, o que tem implícito um abrandamento da tendência de fundo da inflação. De facto, o indicador da inflação subjacente apresentou uma variação homóloga de 2,1 por cento em Agosto, depois de ter estabilizado em torno de 2,3 por cento entre o início do quarto trimestre de 1998 e o final do segundo trimestre do corrente ano.

Entre Junho e Agosto, a percentagem de variação homóloga do conjunto dos bens passou de 1,7 por cento para 1,3 por cento. A percentagem de variação homóloga dos bens não alimentares diminuiu de 1,1 por cento para 0,9 por cento, enquanto a dos bens alimentares baixava de 2,7 por cento para 1,9 por cento. Por sua vez, a percentagem de variação homóloga dos serviços caiu de 3,8 por cento para 3,4 por cento.

A desaceleração da inflação nos bens alimentares deve-se essencialmente à evolução muito mais

moderada dos preços de alguns produtos tradicionalmente caracterizados por comportamentos irregulares, com destaque para as "féculas e amidos", para as frutas, os legumes, e inclusivamente o vinho. Este comportamento reflecte o retorno a condições climáticas mais favoráveis para a produção destes bens que, no caso de persistirem, poderão ainda proporcionar novas descidas da inflação dos bens alimentares ao longo dos próximos meses.

O principal obstáculo para a redução da inflação reside actualmente na subida dos preços das matérias-primas, em especial do preço de petróleo, e da recuperação da procura mundial de produtos industriais, que geraram uma inversão da tendência dos preços de venda à saída da fábrica dos produtos industriais. De facto, estes preços têm vindo a subir, ainda que de uma forma moderada, na generalidade dos países da UE, depois de terem registado uma evolução negativa ao longo do segundo semestre do ano passado. Esta tendência verifica-se também em Portugal. Assim, os preços de venda na indústria transformadora subiram significativamente desde o início do ano, de tal forma que durante o segundo trimestre apresentaram já um nível superior em 0,5 por cento ao do período homólogo. Os derivados de petróleo são os que registam a subida mais forte mas a generalidade dos restantes bens apresenta também uma tendência ascendente, embora o índice de preços que exclui os bens alimentares e os derivados de petróleo fosse ainda durante o segundo trimestre inferior em 0,1 por cento ao do período homólogo. Mas esta tendência ascendente deverá acentuar-se durante os próximos meses, tendo em conta as expectativas dos industriais até ao final de Agosto.

NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

Página 2. Enquadramento Externo.

PIB dos países clientes. Agregação da variação homóloga do PIB (1995=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suíça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Produção Industrial - Países Clientes. Agregação dos índices de produção industrial (1995=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suíça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores. Agregação dos índices de preços de produção (1995=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado. Fonte: EUROSTAT.

Taxa de Desemprego - UE. Fonte: OCDE.

Carteira de Encomendas - Indústria da UE. Inquérito à Indústria Transformadora. (Nota: a partir de 1991, a série sofreu alterações devido à inclusão dos novos Länders da Alemanha) Fonte: CE.

Indicador de Confiança dos Consumidores - UE. Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist"). 1990=100, em dólares.

Página 4. Actividade Económica.

Indicador de Clima Económico. Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicador de Actividade Económica. Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção. Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Índices (1995=100) de Produção da Indústria Transformadora, de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e da Indústria Transformadora, Procura Interna de Bens Intermédios. Fonte: INE.

Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto. Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

Consumo de Energia Eléctrica. Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

Consumo Industrial de Energia Eléctrica. Fonte: EDP.

Consumo de Fuel - Indústria Transformadora. Fonte: Petrogal.

Página 6. Consumo Final.

Consumo Público. Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

Indicador de Confiança dos Consumidores - Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE até Julho de 1996; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, estimação do GE - INE; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE.

Situação Financeira das Famílias - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação) em Euros. Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Operações Multibanco. Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e índices), Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria. Fonte: INE.

Vendas de Super e Hipermercados. Fonte: APED.

Vendas de Gasolina. Fonte: Petrogal.

Vendas e Matrículas (Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno. Fonte: ACAP.

Página 8. Investimento.

Indicador Coincidente. Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Crédito ao Investimento Empresarial. Crédito a empresas não financeiras em Euros. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Vendas de cimento. Fonte: CIMPOR e SECIL.

Vendas de Varão para Betão. Fonte: Siderurgia Nacional e INE(importações).

Índice de Produção de Barro para Construção (1995=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção,

Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso. Fonte: INE;

Crédito para Compra de Habitação. Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

Adjudicações de Obras Públicas. Fonte: AECOPS.

Vendas e Matrículas de Veículos Comerciais. Fonte: ACAP.

Página 10. Procura Externa.

Indicador de Procura Externa. Agregação ponderada do valor (em Euros, 1995=100) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

Exportações de Mercadorias (Nota: a partir de Janeiro de 1998, procedeu-se ao ajustamento de parte do valor estatístico relativo ao comércio com a União Europeia), Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura. Fonte: DGREI, M.E., e INE.

Página 12. Emprego e Salários.

Emprego - Inquérito Antigo às Famílias até 4º trimestre de 1997; Inquérito Novo às Famílias a partir do 3º trimestre de 1998, Desemprego - Inquérito Novo às Famílias, Expectativas de Emprego. Fonte: INE.

Desemprego - Mercado de Emprego. Fonte: IEFP.

Expectativas de Desemprego - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Salários. Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

Página 14. Preços e Câmbios.

Índices de Preços no Consumidor Total sem Habitação (1991=100) - Continente até Dezembro de 1997; Índices de Preços no Consumidor Total (1997=100) - Nacional a partir de Janeiro de 1998. Produção na Indústria (1995=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria. Fonte: INE.

Inflação Subjacente. Estimada com base em índices de preços no consumidor (1997=100) de 67 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Índices de Preços de Exportação e de Importação (1996=100). Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

Informação sobre Câmbios. Fonte: Banco de Portugal.

LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações Editadas pelo INE

METODOLOGIAS, NOMENCLATURAS E CONCEITOS	AVULSO	ASSIN.	*
Índice de Custo do Trabalho - Metodologia e 1º Resultados (1995 a 1º Trím. 1999)	600\$00		
Nomenclaturas Territoriais Designações e Códigos 1998	3.600\$00		
Classificação Nacional de Bens e Serviços 1998	12.000\$00		
ESTATÍSTICAS GERAIS			
Anuário Estatístico de Portugal 1998	10.700\$00	8.600\$00	6
Boletim Mensal de Estatística 1999 (x 12)	2.400\$00	23.000\$00	1
Indicadores Urbanos do Continente 1999	5.100\$00		
POPULAÇÃO, AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS			
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1997	3.800\$00	3.000\$00	5
Série Estimativas Provisórias N° 27	3.680\$00		
Portugal Social 1991/1995	6.000\$00		
Estatísticas da Protecção Social 1997	2.160\$00	1.730\$00	5
Estatísticas da Saúde 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Estatísticas Demográficas 1998	6.600\$00	5.300\$00	6
Estatísticas do Ambiente 1997	3.000\$00	2.400\$00	5
Estatísticas do Emprego 1999 (Trimestral)	1.300\$00	4.200\$00	3
AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA			
Estatísticas da Pesca 1998	3.000\$00	2.400\$00	5
Inquérito às Plantações de Árvores de Fruto 1998	1.500\$00		
Estatísticas Agrícolas 1998	4.200\$00	3.400\$00	5
Pescas em Portugal 1986 - 1996	6.300\$00		
Contas Económicas da Agricultura 1998	1.500\$00		
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1999	240\$00	2.300\$00	2
INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA			
Estatísticas da Construção de Edifícios 1997	2.120\$00	1.700\$00	5
Estatísticas da Produção Industrial 1997	4.300\$00	3.400\$00	5
Estatísticas das Empresas - Agricultura e Indústria 1997	2.700\$00	2.160\$00	5
Índices de Produção Industrial 1999	230\$00	2.200\$00	2
Estatísticas das Empresas - Construção 1997	1.500\$00	1.200\$00	5
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1999	660\$00	6.200\$00	2
Índices de Preços na Produção Industrial 1999	430\$00	4.100\$00	2
Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria 1999	380\$00	3.600\$00	2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1999	720\$00	6.900\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1999	300\$00	2.900\$00	2
COMÉRCIO INTERNACIONAL			
Comércio Internacional 1999	880\$00	8.500\$00	2
Estatísticas do Comércio Internacional 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Comércio ExtraComunitário 1999	700\$00	6.700\$00	2
COMÉRCIO INTERNO, TURISMO E OUTROS SERVIÇOS			
Estatísticas do Turismo 1998	4.700\$00	3.800\$00	6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1997	6.300\$00	5.040\$00	6
Estatísticas das Empresas - Comércio e Outros Serviços 1997	9.000\$00	7.200\$00	6
Estatísticas dos Transportes Rodoviários de Passageiros e de Mercadorias 1996/1997	2.600\$00		
Gastos dos Estrangeiros não Residentes Residentes em Portugal 1997	1.220\$00		
Estabelecimentos Comerciais 1997	1.130\$00	900\$00	4
Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho 1999	190\$00	1.800\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1999	1.300\$00	12.500\$00	2
ECONOMIA E FINANÇAS			
Estatísticas das Receitas Fiscais 1996	3.070\$00	2.460\$00	6
Empresas em Portugal 1990 - 1995	2.190\$00		
Estatísticas das Administrações Públicas 1997	2.300\$00	1.800\$00	5
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1997	5.500\$00		
Sistema de Contas Integradas das Empresas 1994 - 1995	3.750\$00		
Índice de Preços no Consumidor 1999	1.400\$00	13.400\$00	2
Contas Nacionais 1995	2.070\$00		
Síntese Económica Mensal 1999	480\$00	4.600\$00	2
ESTATÍSTICAS REGIONAIS			
Contas Regionais 1995	2.900\$00		
Retrato das Regiões 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1998	6.000\$00		
Inventário Municipal da Região Lisboa e Vale do Tejo 1998	5.970\$00		
Inquérito ao Emprego Região de Lisboa e Vale do Tejo (NUTS III) 1998 (Semestral)	600\$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1999 (Mensal)	600\$00	5.800\$00	2
Anuário Estatístico da Região Algarve 1998	4.000\$00		
Inventário Municipal da Região Algarve 1998	4.600\$00		
Anuário Estatístico da Região Alentejo 1998	4.500\$00		
Inventário Municipal da Região Alentejo 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Centro 1998	6.000\$00		
Inventário Municipal da Região Centro 1998	6.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Norte 1997	4.140\$00		
ESTUDOS			
Revista de Estatística 1999 (quadrimestral)	2.500\$00	6.000\$00	7

* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.920\$00	160\$00	5.040\$00	420\$00	9.300\$00	775\$00
2	1.020\$00	85\$00	2.520\$00	210\$00	4.080\$00	340\$00
3	340\$00	85\$00	840\$00	210\$00	1.360\$50	340\$00
4	170\$00	85\$00	420\$00	210\$00	680\$00	340\$00
5	285\$00	285\$00	765\$00	765\$00	1.480\$00	1.480\$00
6	560\$00	560\$00	1.325\$00	1.325\$00	2.600\$00	2.600\$00
7	900\$00	300\$00	2.295\$00	765\$00	4.440\$00	1.480\$00

